

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS****CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO****Literatura Brasileira**

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

**Literatura Infantil**

Total de Créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

**Ensino da Língua Portuguesa**

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 18 meses

Inscrições: durante o mês de dezembro

**Público Alvo:** candidatos com Licenciatura Plena em Letras ou áreas afins.**Documentos para inscrição:**

2 Fotos

Xerox da Certidão de Nascimento ou Casamento

Xerox do Diploma de Graduação

Xerox do Histórico Escolar da Graduação

Xerox da Carteira de Identidade

Xerox do CIC

Curriculum Vitae

Taxa de Inscrição

**Informações:** fone – (51) 3320.3676

# A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais: estudo sociolinguístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar\*

Jorge Espiga (UCPEL)

**ABSTRACT** – At the extreme-south of Brazil, on the border region historically named Campos Neutrais, including both districts of Chuí and Santa Vitória do Palmar, the research found all the telescoping rule stages of the Brazilian Portuguese posvocalic lateral, at the synchronic view of its variation. In those dialects, the primitive stage of the rule, the alveolar variant, competes with velarized and labialized variants as well. The alveolar allophone is yet preserved due to the contact with Spanish. The velarized and labialized allophones, in the other hand, have been introduced by pressure of the change which operates in Brazilian Portuguese.

**RESUMO** – No extremo sul do Brasil, na região de fronteira, historicamente nomeada Campos Neutrais, incluindo ambos os distritos de Chuí e Santa Vitória do Palmar, esta pesquisa encontrou, no português brasileiro, sob uma visão sincrônica, todos os estágios da regra telescópica da lateral posvocálica.

**Introdução**

Esta pesquisa teve acesso ao Banco de Dados nomeado BDS Pampa – Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense

\* Artigo baseado na tese de doutorado defendida em 2001 na PUCRS.

Ao pesquisar a variação da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços dos Campos Neutrais, detectou-se que o estágio primitivo da regra telescópica, conforme fora descrito por Lopez (1979), isto é, o alofone alveolar, já desaparecido em muitas variedades do Português do Brasil (doravante PB), está presente em dialetos brasileiros de fronteira, por influência do contato com o Espanhol, onde tal alofone predomina. Na região dos Campos Neutrais, o dialeto da comunidade do Chuí, situada junto à linha de fronteira do Brasil com o Uruguai, apresentou, para a variante alveolar, índices maiores do que os registrados no dialeto de Santa Vitória do Palmar, mais distante daquela divisa.

O ritmo de implementação de uma mudança lingüística do PB, tal como a regra telescópica da lateral posvocálica, pode ser entendido, numa comunidade de fronteira, como função direta do grau de contato com variedades dialetais do PB externas à comunidade, ao passo que inversa ao grau de contato com o Espanhol. Apurou-se, de acordo com tal relação, que a implementação da mudança encontra, de fato, maior resistência no dialeto chuiense do que no vitoriense.

A pesquisa ensejou, ainda, propor que um alofone coronal velarizado e labializado (forma [ l<sup>w</sup> ]), esteja presente no sistema, a ser posicionado, na regra telescópica, como estágio intermediário entre o segundo e o terceiro estágios da regra, isto é, entre o alofone velarizado (forma [ ʎ ] e a semivogal (forma [ w ]).

Organizamos este artigo em seis seções. Na primeira seção, caracteriza-se a região dos Campos Neutrais. Na segunda seção, referem-se estudos lingüísticos referentes ao tema do contato entre Português e Espanhol e do contínuo lingüístico fronteiriço. Na terceira seção, resume-se o estado dos estudos desenvolvidos acerca da variação e da mudança da lateral posvocálica no Rio Grande do Sul, especialmente, o seu caráter de regra telescópica. Na quarta seção, propõe-se a revisão dessa regra, através da "hipótese l<sup>w</sup>". Na quinta seção, focaliza-se o tema da variação e da mudança da lateral no Português dos Campos Neutrais. A discussão dos resultados obtidos mediante o uso do sistema Varbrul põe em evidência a tensão entre os pólos português e espanhol do contínuo lingüístico pesquisado; elucidada, a partir do desempenho das variáveis sociais, os rumos da mudança na região; revela, finalmente, no comportamento das variáveis estruturais, a tensão permanente entre forças antagônicas internas à língua: a contrastividade e a simplicidade. Na sexta seção, apresentam-se considerações finais acerca do trabalho.

## 1 A região dos Campos Neutrais

Porque pouco coincide a fronteira política com a fronteira lingüística entre o Português e o Espanhol, o grau de contato entre ambas as línguas é também variável, sendo esta variabilidade um dos fatores da heterogeneidade do Português da fronteira. Assim como são heterogêneas a história, as características geográficas e a realidade sociocultural da fronteira, também é o português da fronteira, podendo ser entendido como um contínuo dialetal que acompanha, longitudinalmente, a linha divisória entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, ao sul e a sudoeste, e a Argentina, a oeste.

No Tratado de Santo Ildefonso, assinado entre Portugal e Espanha, em 1777, estipula-se, no artigo V, que seria reservada, entre os territórios coloniais das duas coroas, as lagoas Mirim e Mangueira e as línguas de terra entre elas e a costa do mar, de modo que nenhuma das duas nações viesse a ocupá-las. Tais "Campos Neutrais" serviriam unicamente de separação entre ambos os domínios, fazendo com que nem os portugueses passassem ao sul do arroio Taim, nem os espanhóis ao norte do arroio Chuí. Cria-se, assim, uma área territorial pretensamente neutra, com o objetivo de distender a zona de litígio. A área incorpora-se ao domínio português, definitivamente, em 1803.

Devido à sua geografia quase peninsular e à baixa altitude, a região apresentava, historicamente, longos períodos de isolamento do Brasil, permanecendo praticamente insulada, em épocas de chuvas, quando se confundiam, nas proximidades do arroio Taim, as águas do sistema lacustre. Tal situação muda, na década de 1970, ao ser construída a rodovia BR471, ligando a região à cidade de Pelotas.

Transversalmente à linha de fronteira, o contínuo lingüístico fronteiriço representa um conjunto de falares que faz parte do contínuo sul-rio-grandense ou Português gaúcho. Este, por sua vez, apresenta características de transição entre o Português (do Brasil) e o Espanhol (do Uruguai), línguas que podem ser consideradas pólos de um contínuo maior, o contínuo (neo-românico) Português-Espanhol.

## 2 Estudos lingüísticos antecedentes

O estudo diatópico de um contínuo de contato procura conhecer a interpenetração, o avanço geográfico que, eventualmente, uma língua possa consolidar sobre o pretensado domínio territorial da outra. Nessa perspectiva, uma zona de contato vê-se como um

cenário variacional em que, tanto no recorte sincrônico quanto na continuidade diacrônica, formas lingüísticas de ambas as línguas aparecem, contrapõem-se, competem, fortalecem-se, enfraquecem-se, transformam-se, desaparecem, migram, entre um e outro pólo do contínuo.

Daf que, sendo variacionista no método, interessou a esta pesquisa, além de controlar as variáveis referentes à dimensão social, observar a dimensão diatópica da variação do Português dos Campos Neutrais, definido este como contínuo de contato do Português com o Espanhol, nessa região da fronteira. De outra parte, a pesquisa procurou oferecer resultados contrastivos aos de estudos realizados, na área da Fonologia, em outras regiões fronteiriças, como Livramento e São Borja: principalmente, Bisol (1981), Monaretto (1992, 1997), Quednau (1993) e Tasca (1999).

Como antecedentes, refiram-se, ainda, estudos dialetológicos do contato do Português com o Espanhol desenvolvidos no Uruguai, em regiões fronteiriças ou próximas à fronteira com o Brasil: principalmente, Rona (1965), Hensey (1972), Elizaincín (1992), Elizaincín, Behares e Barrios (1987) e ADDU – Atlas Diastrático e Diatópico do Uruguai. Nesses três últimos trabalhos, o contraste entre os dialetos pesquisados revela a heterogeneidade do Português falado no Uruguai, genericamente denominado, por Elizaincín, Behares e Barrios (op. cit.), DPU – Dialetos Portugueses do Uruguai.

Do lado brasileiro, o BDS Pampa – Banco de Dados Sociolingüístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense<sup>1</sup> – vem subsidiando, especificamente, pesquisas lingüísticas contrastivas do Português da fronteira. Utilizando dados do BDS Pampa, esta pesquisa teve, como objeto de estudo, a variação da lateral posvocálica no Português falado nas comunidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar, a primeira situada junto à linha limítrofe entre o Brasil e o Uruguai, e a segunda, distante 40 km dessa divisa, na região dos Campos Neutrais.

### 3 Variação e mudança da lateral posvocálica no Rio Grande do Sul

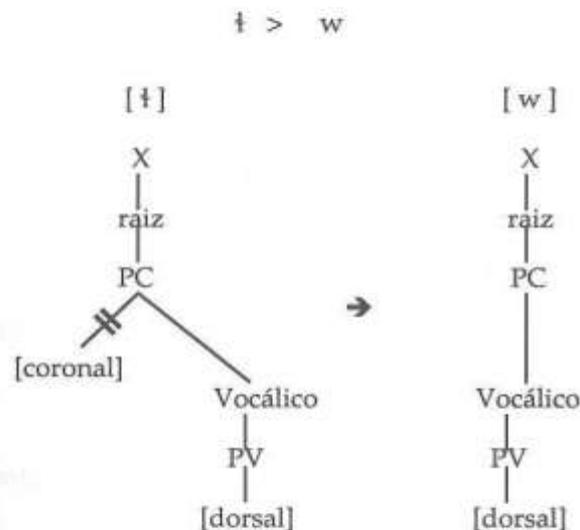
O estudo da variação da lateral posvocálica no Português do Brasil (doravante PB) tem revelado, quando projetado no tempo real, uma mudança lingüística interna cujas origens remontam ao

<sup>1</sup> O Projeto BDS Pampa é um empreendimento de parceria entre as Universidades Católica e Federal de Pelotas.

latim, segundo atestam Menéndez Pidal (1918), Nunes (1951), Niedermann (1953), Silveira Bueno (1963), Coutinho (1976), Lopez (1979), Oliveira (1987), Câmara Jr. (1988) e Callou, Leite e Moraes (1999), entre outros. A mudança manifesta-se como regra telescópica, isto é, não apresenta, no recorte sincrônico variacional, todos os estágios que compõem, na globalidade diacrônica, o seu percurso completo.

Em estudos recentes do Português do Rio Grande do Sul, a regra telescópica tem sido atestada com dois ou com três estágios.

#### (1) Regra telescópica da lateral posvocálica com dois estágios

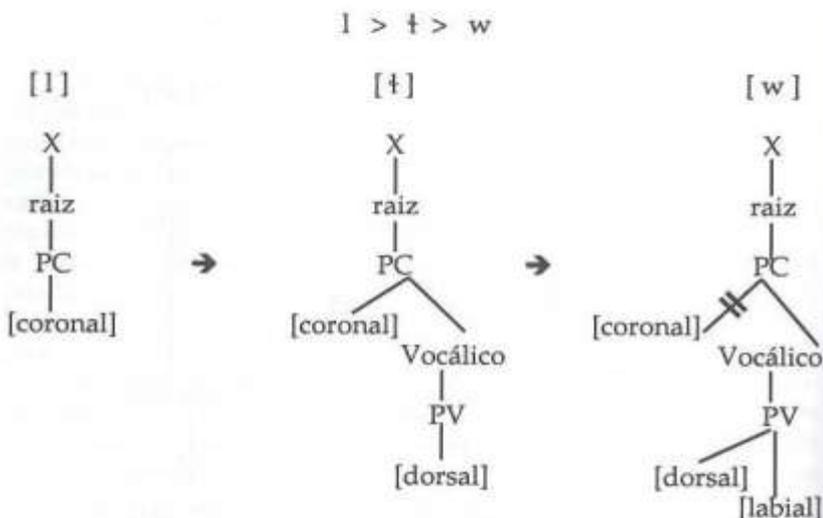


Utilizando dados do Projeto VARSUL – Variação Lingüística do Sul do Brasil –, Quednau (1993) detecta as formas [t] e [w] competindo nas comunidades de Porto Alegre, Monte Bérico, Taquara e Santana do Livramento, as três últimas representando o contato do PB com, respectivamente, o Italiano, o Alemão e o Espanhol. Assim, a mudança ou vocalização é analisada pela autora como o desligamento de [coronal], por parte da lateral velarizada, conforme representado em (1). A forma [w], assim derivada, é utilizada como valor de aplicação para o processamento estatístico, aplicado a um corpus conjunto em que a etnia é definida como um dos grupos de fatores para o sistema Varbrul. O alofone alveolar, estágio primitivo da regra telescópica da lateral posvocálica, não

aparece nessa pesquisa porque teria sido já inteiramente substituído por estágios posteriores, isto é, mais avançados da regra.

Espiga (1997), ao pesquisar o contato do PB com o EU, detecta, na comunidade fronteiriça do Chuí, a presença do alofone alveolar (54%), não apenas coexistindo com estágios mais avançados mas predominando nesse dialeto, o que reafirma o caráter heterogêneo da fronteira. Por isso, o autor repõe o estágio primitivo, na formulação da regra telescópica, considerando-lhe dois processos derivacionais: velarização e vocalização:

## (2) Regra telescópica da lateral posvocálica com três estágios



O desempenho da regra telescópica com três estágios é investigado por Tasca (1999), com dados do VARSUL, em Porto Alegre, no dialeto fronteiriço de São Borja e nas comunidades de Flores da Cunha e Panambi, de etnias italiana e alemã, respectivamente. Nesse estudo, o processo de vocalização revela-se nítido em Porto Alegre, embora a lateral velarizada esteja, ainda, preservada (54%). Detectou-se a presença significativa da alveolar nos demais dialetos, predominando em Panambi (77%) e Flores da Cunha (71%), onde o primeiro processo da regra, ou seja, a velarização, opera.

Em geral, as pesquisas mostram que a mudança progride mas que são diferentes o ritmo de implementação de cada processo e o comportamento dos fatores que o condicionam, entre uma região e outra.

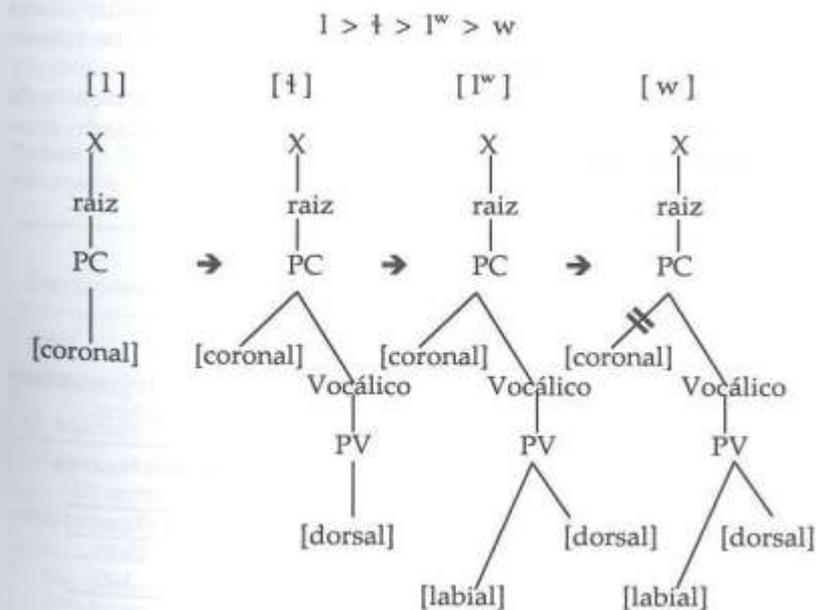
## 4 A hipótese l<sup>w</sup> e a revisão da regra telescópica

Clements e Hume (1995) postulam que somente uma operação pode ser executada, de cada vez, na estrutura segmental, seja envolvendo um traço terminal, seja envolvendo um nó constituinte. Tal postulado fundamenta-se no critério de simplicidade das regras fonológicas.

Em (1) e (2) a vocalização é analisada como a perda do traço [coronal] de [ł]. Entretanto, a instanciação de [w] também requer que [labial] seja adicionado à sua estrutura, o que representa um custo de, no mínimo, duas operações simultâneas na árvore, o que abre espaço para a "hipótese l<sup>w</sup>". Tal hipótese consiste em transpor para a dimensão diacrônica, em termos de transicionalidade, a gradação alofônica da lateral atestada nos dialetos chuiense e vitoriense. Nessa gradação alofônica, detectamos a presença significativa de sons intermediários entre [ł] e [w], que a análise acústica e articulatória permitiu classificar como [l<sup>w</sup>].

Posicionamos [l<sup>w</sup>] como estágio intermediário entre o alofone velarizado (forma [ł]) e a semivogal (forma [w]), decompondo o processo de vocalização formalizado em (1) e (2).

## (3) Regra telescópica da lateral posvocálica com quatro estágios



Os dois processos em que a vocalização [ɨ] → [w] se decompõe consistem, pois, em labialização e vocalização, propriamente dita. Isto posto, a totalidade da regra pode ser entendida como a seguinte seqüência de processos:

(4)

|            |                                |
|------------|--------------------------------|
| [l] → [ɨ]  | velarização                    |
| [ɨ] → [lʷ] | labialização                   |
| [lʷ] → [w] | vocalização (descoronalização) |

De acordo com (3) e (4), a labialização é um processo de transição entre [ɨ] e [w], que adiciona apenas uma articulação secundária – o traço de ponto [labial]. Na etapa seguinte, sim, dá-se o processo de vocalização, propriamente dita, uma vez que ali ocorre a descoronalização, isto é, a perda da articulação consonantal primária. Em decorrência do desligamento de [coronal], o som fica apenas com qualidade vocálica.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1964), as mudanças lingüísticas não são discretas mas apresentam formas transicionais, gradativas, tendem para o contínuo. Considerando, em conformidade com Hyman (1975), que a regra [l] → [w] envolve a telescopia dos três processos referidos em (4), revela-se a naturalidade da mudança lingüística, no caso da lateral posvocálica, na transicionalidade dos seus sucessivos estágios.

Assim sendo, a inserção de [lʷ] nos contextos de variação e de mudança lingüísticas, satisfaz as condições de plausibilidade, simplicidade e naturalidade das regras fonológicas.

## 5 Variação e mudança da lateral posvocálica nos Campos Neutrais

### 5.1 Os resultados do Varbrul: a tensão entre os pólos do contínuo P-E

Os valores apresentados nas tabelas seguintes representam resultados da análise estatística mediante o sistema Varbrul.

Tabela 1. Distribuição das variantes na região dos Campos Neutrais

|   | [l]  | [ɨ] | [lʷ] | [w] | ø  | Total |
|---|------|-----|------|-----|----|-------|
| N | 1297 | 701 | 903  | 41  | 21 | 2963  |
| % | 44   | 24  | 30   | 1   | 1  | 100   |

A primeira constatação que a Tabela 1 propicia é que todos os estágios da regra telescópica, conforme formulada em (3) e (4), estão presentes na região.

Os números referentes a [w] e ø são muito baixos, razão pela qual não foi possível avançar na análise dessas variantes. Observe-se, no entanto, que, no caso de [w], é significativa a presença de um estágio tão avançado da regra telescópica, numa região historicamente isolada do contínuo PB.<sup>2</sup>

Vê-se que a freqüência ou número de ocorrências de [l], em termos absolutos, predomina no corpus conjunto, sugerindo que essa forma vem sendo preservada na região. Entretanto, apresenta-se bastante alta a freqüência de [lʷ], comparativamente à forma predominante. Se considerarmos as duas formas velarizadas juntas [ɨ, lʷ], o suposto predomínio preservador de [l] vê-se relegado em favor de estágios mais avançados da regra. Isso leva a supor que há mudança em curso.

Se admitirmos que [lʷ] é forma derivacional de [ɨ], conforme propomos em (3), é lícito supor que o espaço atualmente ocupado por [lʷ], no plano da variação, deve ter sido ocupado por [ɨ], antes de [lʷ] ingressar no sistema. Em outras palavras, de uma situação inicial, em que a preservação de [l] era praticamente categórica, ter-se-ia evoluído para um segundo momento diacrônico, em que, ao lado da preservação, os falantes iniciaram o primeiro dos processos, a velarização: [l] → [ɨ]; atualmente, o segundo processo, a labialização: [ɨ] → [lʷ], estaria também coexistindo com o primeiro e com a tendência preservadora.

Tabela 2. Distribuição comparativa das variantes na região dos Campos Neutrais e nas comunidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar

| Comunidade  | [l]  |    | [ɨ] |    | [lʷ] |    | [w] |   | ø  |   | Total |     |
|-------------|------|----|-----|----|------|----|-----|---|----|---|-------|-----|
|             | N    | %  | N   | %  | N    | %  | N   | % | N  | % | N     | %   |
| Chuí        | 775  | 50 | 458 | 29 | 306  | 20 | 7   | 0 | 9  | 1 | 1555  | 100 |
| S. Vitória  | 522  | 37 | 243 | 17 | 597  | 42 | 34  | 2 | 12 | 1 | 1408  | 100 |
| C. Neutrais | 1297 | 44 | 701 | 24 | 903  | 30 | 41  | 1 | 21 | 1 | 2963  | 100 |

Desconsiderando [w] e ø, a tabela mostra que, nos dialetos chuiense e vitoriense, os alofones predominantes são as duas for-

<sup>2</sup> Não estamos considerando ø como estágio (final) da regra telescópica, como defendem alguns autores, embora constitua forma alternante no escopo da variação.

mas extremas da gradação, o que confirma os dados da Tabela 1. Porém, o que diferencia cada dialeto é, justamente, qual das duas formas antagônicas consegue impor-se à outra. Enquanto no Chuí [ l ] predomina, em Santa Vitória do Palmar [ l<sup>w</sup> ] é a variante preferida.

A pugna aqui evidenciada pode ser analisada como tensão entre os pólos do contínuo P-E. O alofone [ l<sup>w</sup> ], inovador, labializado, representa o avanço, na região, da mudança lingüística própria do PB, em oposição ao alofone [ l ], preservador, alveolar, representativo do EU.

Partindo desse panorama, analisamos, particularmente, cada dialeto. Topicalizamos, como valor de aplicação para o Ivarb, a variante [ l ], no Chuí, e a variante [ l<sup>w</sup> ], em Santa Vitória do Palmar. Significa dizer que analisamos, no dialeto chuiense, a retenção de [ l ] e, no dialeto vitoriense, a inovação ou aplicação de [ l<sup>w</sup> ]. Contudo, importa manter a perspectiva de que, embora majoritárias nos respectivos dialetos, ao que indicam os números da distribuição geral, na Tabela 2, tais variantes, bem como os processos de que se originam, na regra telescópica, coexistem, em toda a região dos Campos Neutrais, com os demais estágios e processos da regra, entendida como em (3) e (4).

O processamento dos dados mediante o sistema Varbrul revelou, como reguladoras mais significativas da variação, as seguintes variáveis:

(5)

| Aplicação de [ l ] – preservação:   | Aplicação de [ l <sup>w</sup> ] – inovação: |
|-------------------------------------|---|
| 1 <sup>o</sup> ) Faixa etária       | 1 <sup>o</sup> ) Faixa etária               |
| 2 <sup>o</sup> ) Consoante seguinte | 2 <sup>o</sup> ) Escolaridade               |
| 3 <sup>o</sup> ) Posição na palavra | 3 <sup>o</sup> ) Vogal precedente           |
| 4 <sup>o</sup> ) Escolaridade       | 4 <sup>o</sup> ) Consoante seguinte         |

No caso da lateral posvocálica, por tratar-se de regra telescópica, os processos inerentes à mudança são previsíveis e o papel do contexto fonológico é de mero motivador. Significa dizer que os fatores lingüísticos exercem pressões que podem favorecer a tensão entre tendências estruturais antagônicas, no decurso derivacional da regra telescópica, seja na sua visão de conjunto, seja na análise individual de cada processo, mas a mudança é rígida, em última instância, por fatores sociais, aos quais aqueles se subordinam.

## 5.2 Variáveis sociais: o curso da mudança

As variáveis extralingüísticas ou sociais que resultaram mais significativas, neste estudo, são a Faixa etária e a Escolaridade.

Detectou-se perfeita simetria no comportamento das faixas etárias no condicionamento da variação entre ambos os dialetos. Comparando, respectivamente, os valores do Chuí e de Santa Vitória do Palmar, temos que a faixa de mais de 50 anos favorece [ l ] (73% PR=.79) enquanto desfavorece [ l<sup>w</sup> ] (8% PR=.12); a faixa de 26 a 50 anos desfavorece [ l ] (43% PR=.40) enquanto favorece [ l<sup>w</sup> ] (55% PR=.68); a faixa de 16 a 25 anos desfavorece [ l ] (24% PR=.18) enquanto favorece [ l<sup>w</sup> ] (8% PR=.12).

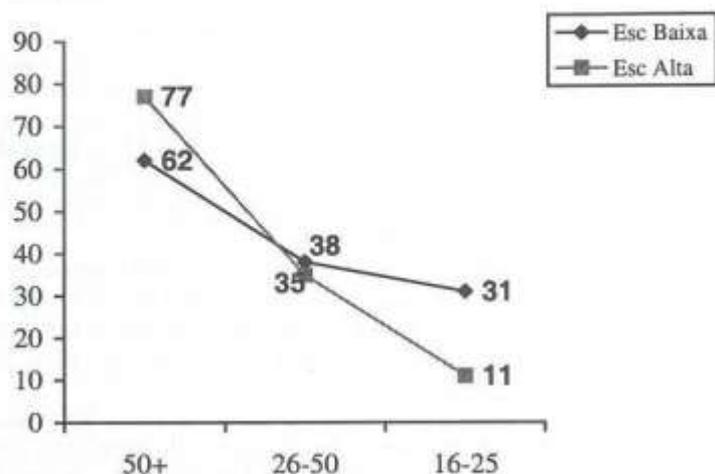
Os resultados mostram que [ l ] é preservada somente por parte dos mais velhos. O fato de as gerações intermediária e jovem não serem preservadoras favorece a mudança. Estas faixas etárias, ao contrário, assumem comportamento lingüístico inovador, favorecendo a aplicação de [ l<sup>w</sup> ].

Vê-se que, quanto à idade, o condicionamento da variação dá-se de forma semelhante em todas as faixas de ambas as comunidades. O mesmo não ocorre quanto à Escolaridade. A escolaridade alta, à qual pode-se atribuir a função de prestigiar ou não formas e usos lingüísticos, comporta-se de modo diferenciado nas duas comunidades: favorece [ l ] (57% PR=.60), no Chuí, enquanto favorece [ l<sup>w</sup> ] (57% PR=.64), em Santa Vitória do Palmar. Já a escolaridade baixa mostra comportamento inverso: desfavorece [ l ] (44% PR=.40), no Chuí, e [ l<sup>w</sup> ] (26% PR=.34), em Santa Vitória do Palmar.

Os resultados, no tocante à Escolaridade, evidenciam que o comportamento preservador dos chuienses mais escolarizados concorre para manter o prestígio de [ l ], nesse dialeto, enquanto os vitorienses mais escolarizados prestigiam [ l<sup>w</sup> ], a forma inovadora, contribuindo para a mudança.

Vejam os índices de preservação e de inovação, isto é, de aplicação de [ l ] e [ l<sup>w</sup> ], respectivamente, por correlação de Faixa etária e Escolaridade, a partir do processamento do *corpus* conjunto dos Campos Neutrais.

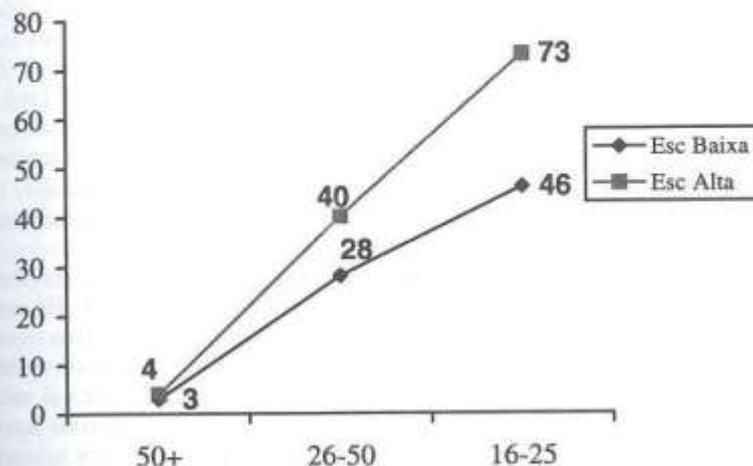
(6) Percentual de preservação de [ l ], nos Campos Neutrais, em função de Escolaridade e Faixa Etária



A correlação das variáveis mostra que tanto a escolaridade alta como a baixa apresentam tendência decrescente de preservação, projetada no tempo aparente, ou seja, ao passarmos de uma geração mais idosa para uma menos idosa. Para a geração mais idosa, o índice de preservação de [ l ] é função direta da escolaridade: à escolaridade mais alta corresponde maior preservação e vice-versa. Entretanto, há uma queda acentuada da curva da escolaridade alta na geração intermediária, que inverte a relação, passando a ser o índice de preservação de [ l ] função inversa da escolaridade: à escolaridade mais alta corresponde menor preservação e vice-versa. Tal relação mantém-se assim também para a geração mais jovem.

O formato da curva sugere a iminente supressão do [ l ] posvocálico do sistema. A variante tende a ser abandonada porque vem sendo deslocada por ação das variantes inovadoras, para as quais perde terreno, isto é, perde espaço lingüístico. O gráfico sugere que a perda de prestígio, que ocorre já na geração intermediária, fragiliza a resistência à mudança. Os fatores de escolaridade mostram, no gráfico, um formato de curva "normal invertida", a qual, segundo Tarallo (1990, p. 207), é típica do processo de esteriotipação e prenuncia a supressão da variante.

(7) Percentual de aplicação de [ l' ], nos Campos Neutrais, em função de Escolaridade e Faixa Etária



Em termos regionais, o índice de inovação constitui, conforme (7), função direta do nível de escolaridade, para todas as faixas etárias, o que lhe confere considerável prestígio.

Tarallo (1990, p. 208) diz que o fato de a variante inovadora estar sendo implementada por grupos sociais intermediários, independentemente do nível de escolaridade, caracteriza a mudança em curso. É o que (7) ilustra, a mudança atingindo índices maiores entre as gerações intermediária e jovem.

Pode-se concluir, então, que a mudança progride, nos Campos Neutrais, apesar da resistência que o contato com o Espanhol, nesta região de fronteira, oferece.

5.3 Variáveis estruturais:  
a tensão entre contrastividade e simplicidade

As variáveis lingüísticas ou estruturais que resultaram mais significativas, neste estudo, são os contextos precedente e seguinte.

Quanto à influência do contexto precedente, coincidem os resultados encontrados em Quednau (1993), para [ w ], com os resul-

tados desta pesquisa, para [ l<sup>w</sup> ], o que motivou retomar algumas considerações teóricas sobre a estrutura desse segmento.

Como vimos em (3), a estrutura geométrica de [ l<sup>w</sup> ] resulta do acréscimo de [labial] à configuração de [ ɫ ]. O acréscimo de [labial] resulta numa configuração de articulação secundária de [ l<sup>w</sup> ] idêntica à do segmento [ w ]. A diferença entre estas duas formas fica por conta de [coronal], presente em [ l<sup>w</sup> ] mas ausente em [ w ]. Ao ser postulado que [ l<sup>w</sup> ] constitui forma transicional entre [ ɫ ] e [ w ], interpondo-a entre tais estágios, na abordagem derivacional que a regra telescópica implica, vê-se que, na diacronia, [ l<sup>w</sup> ] se encontra a um passo de transformar-se em [ w ], restando para tal, no que diz respeito à sua estrutura, desligar [coronal], que constitui a articulação primária consonantal do segmento.

A descoronalização é, pois, na estrutura da lateral, uma desconsoantização, que tem sido denominada vocalização. A diferença entre um e outro termo implica dar ênfase a um ou outro evento, isto é, à perda da qualidade consonantal ou ao ganho da qualidade vocálica. Se, como vimos, a qualidade vocálica básica já estava presente em [ ɫ ] e completou-se em [ l<sup>w</sup> ], talvez seja mais apropriado dizer que a estrutura, no último processo da regra telescópica, isto é, na passagem [ l<sup>w</sup> ] → [ w ], perde a sua qualidade consonantal, restando-lhe, como alofone do / l / posvocálico, apenas o caráter posicional implosivo a imprimir-lhe, como semivogal, propriedade funcional de consoante.

Foneticamente, então, a perda da articulação consonantal coronal implica a deslateralização ou centralização do som em [ w ], cujo fluxo de ar, a partir da desobstrução da cavidade oral, se dá, plenamente, de modo central.

Ao analisar a implementação fonética das laterais, Sproat e Fujimura (1993: 291) verificam que os gestos consonantal e vocálico da articulação desses segmentos são assíncronos, aproximando-se o vocálico do núcleo da sílaba, enquanto o consonantal prefere a sua margem.<sup>3</sup> Significa dizer que, no tempo de produção de uma lateral labializada, como é o caso de [ l<sup>w</sup> ], em posição implosiva, a articulação do gesto vocálico (lábio-dorsal) será iniciada precedentemente ao início do gesto consonantal (coronal). O ditongo formado pela vogal precedente e o componente vocálico da lateral, neste caso, é perceptualmente evidenciado.

<sup>3</sup> Essa seqüenciação fonética das articulações secundária e primária, conforme observam Ladefoged e Maddieson (1995, p. 361), é precedente para laterais implosivas, não assim para laterais em posição de onset silábico.

Isso posto, podemos entender que o funcionamento da vogal precedente, diante de [ l<sup>w</sup> ] e [ w ] resulte semelhante, neste trabalho e em Quédnau (1993), respectivamente.

Por outro lado, considerando a gradiência dos correlatos fonéticos dos aspectos articulatórios em jogo, pode-se postular que o grau de semelhança entre [ l<sup>w</sup> ] e [ w ], ou a sua proximidade no contínuo, dar-se-á em função do grau de arredondamento resultante da labialização e do grau de descoronalização que a vocalização, último estágio da regra telescópica, implica.

Assim, parece adequado analisar o favorecimento de [ l<sup>w</sup> ] pela vogal [ a ] precedente, analogamente ao que propõe Quédnau quanto ao favorecimento de [ w ] no mesmo contexto, postulando que os falantes preferem, nesse caso, a realização de ditongos mais nítidos, isto é, com qualidades vocálicas mais distanciadas entre si. Observe-se a Tabela 3:

**Tabela 3.** Aplicação de [ l<sup>w</sup> ], no dialeto vitoriense, controlada por Vogal Precedente

| Vogal Precedente | PR  | N   | %  | Total |
|------------------|-----|-----|----|-------|
| a                | .62 | 318 | 48 | 656   |
| e, o             | .46 | 71  | 44 | 162   |
| e, o             | .41 | 74  | 38 | 193   |
| i, u             | .37 | 134 | 34 | 397   |

significance = .000  
input = .35

Quanto à abertura, à maior oposição na qualidade vocálica corresponde maior favorecimento de [ l<sup>w</sup> ]. A oposição na qualidade vocálica pode ser analisada, em termos fonológicos, como propriedade dissimilatória; em termos fonéticos, como separação perceptual. Quanto maior for a separação perceptual entre a vogal precedente e o componente vocálico de [ l<sup>w</sup> ], maior será o favorecimento desta variante.

Ladefoged (1975, p. 235-236) explica que se, de um lado, o falante procura a máxima simplificação articulatória, o ouvinte, por sua vez, pretende entender o significado de um enunciado mediante o menor esforço possível; preferirá, assim, enunciados formados por sons que permaneçam constantes e distintos entre si; desejará que o padrão de sons da língua esteja de acordo com o "princípio de separação perceptual máxima" (*principle of maximum perceptual separation*).

O princípio de separação perceptual, segundo Ladefoged (op. cit., p. 201), é “uma das forças que operam nas línguas [...] mediante a qual os sons são mantidos acusticamente distintos a fim de tornar mais fácil ao ouvinte distinguir um de outro”.<sup>4</sup> Tal princípio explica a preferência pela oposição, na qualidade vocálica, entre o contexto precedente e a lateral.

No que diz respeito à variável contexto seguinte, supõe-se que o favorecimento da implementação de qualquer variante da lateral, por parte de consoante seguinte com traços articulatorios em comum, responde a uma tendência assimilatória, de caráter geral, que procura simplificar aspectos inerentes à produção. Em decorrência dessa tendência simplificadora, os processos de retenção ou de inovação, no âmbito de uma mudança lingüística, poderão, eventualmente, ser motivados.

Conforme resultados deste estudo, a preservação de [l], por exemplo, é favorecida por consoante seguinte alveolar, em seqüências como *al[t]os*, *cal[s]a*, *humil[d]e*. De outra parte, a aplicação de [l<sup>w</sup>], um processo inovador, resulta favorecida por consoante seguinte palatal, em seqüências como *pill[ʃ]ado*, *humil[dʒ]e*, *úll[tʃ]imo*. Observou-se, ainda, que a aplicação de [ɫ] é favorecida por consoante seguinte velar, em seqüências como *all[g]uma*, *ál[k]ool*.<sup>5</sup>

A tendência assimilatória, nesses casos, representa a busca da homorganicidade entre a lateral e o contexto seguinte. Trata-se de situações em que, conforme explica Ladefoged (1975, p. 47), porque *dois sons têm o mesmo ponto de articulação, diz-se que são homorgânicos*.<sup>6</sup>

A busca da homorganicidade pode ser entendida pela lei do menor esforço, uma vez que é mais fácil para o aparelho fonador produzir uma seqüência de sons com esforço mínimo dos articuladores, ou seja, no mesmo ponto de articulação.

Ladefoged (1975, p. 235) explica que os falantes desejam, na língua, transferir significado com o mínimo esforço articulatorio possível, o que implica produzir enunciados com o menor esforço possível, levando-o a realizar um grande número de assimilações, a deixar de fora alguns segmentos e a reduzir ao mínimo as diferenças entre eles. Segundo o autor, o falante, assim procedendo, segue um princípio simplificador que pode ser denominado “prin-

cípio de facilidade articulatória” (*principle of maximum ease of articulation*).

A simplificação articulatória é uma tendência universal regida pela lei do menor esforço, que procura substituir, nas línguas, segmentos mais complexos por outros menos complexos. Borowsky e Horvath (1997, p. 102), ao analisarem a vocalização da lateral no inglês de Adelaide – Austrália, referem-se à mudança lingüística interna como evolução em direção ao menos marcado, isto é, ao mais simples.

Além do nível segmental, a compreensão global da regra telescópica também remete ao princípio de simplicidade. Callou, Leite e Moraes (1999), com base nesse princípio, propõem que o objetivo dos processos de mudança da lateral, da sibilante e da vibrante do PB é o apagamento do segmento implosivo, motivado pela busca do padrão silábico ideal CV. Tal solução diacrônica pode ser analisada como busca da simplicidade no nível da estrutura silábica.

No caso da lateral posvocálica, a simplificação da estrutura silábica que a regra procura, no conjunto dos seus processos, não se verifica no nível da estrutura segmental, ao ser recortado, individualmente, cada processo derivacional. Ao contrário, no nível segmental, o processo global arca com o ônus de eventuais acréscimos de complexidade nos processos intermediários da regra, conforme se observa nas representações arbóreas mostradas em (03): temos acréscimo de complexidade na passagem do primeiro estágio para o segundo (l → ɫ) e na passagem deste para o terceiro (ɫ → l<sup>w</sup>); em ambos os casos, dá-se adição de traço de articulação secundária: [dorsal] e [labial], respectivamente. Somente no último processo (l<sup>w</sup> → w) simplifica-se a estrutura, com o desligamento de [coronal].

A análise dos contextos seguinte e precedente evidenciam, pois, a tensão entre duas forças ou princípios antagônicos: a simplicidade e a contrastividade.

Assim, mesmo que, na visão de conjunto, a regra telescópica seja analisada como simplificadora, revela-se, nos processos componentes da regra, o conflito entre as pressões antagônicas internas do sistema. Sob a tensão e interação entre tais pressões internas, constrói-se e modifica-se a gramática da língua.

<sup>4</sup> *One of the forces acting on languages (may be called) the principle of perceptual separation, whereby the sounds of a language are kept acoustically distinct so as to make it easier for the listener to distinguish one from another.* (grifo do autor)

<sup>5</sup> Dados obtidos a partir de processamento adicional mediante MVARB.

<sup>6</sup> *When two sounds have the same place of articulation, they are said to be homorganic.*

## 6 Considerações finais

O contato do Português com o Espanhol é um processo histórico, natural e inerente à gênese das comunidades fronteiriças gaúchas; introjeta-se na vida e no discurso bilíngüe do seu dia-a-dia; interfere na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no léxico dos seus dialetos. Os fenômenos de variação e os processos de mudança lingüística inerentes aos sistemas lingüísticos dessas comunidades multiplicam-se, por ocasião do contato.

Porque fronteiriços, os dialetos são analisados numa perspectiva que considera a tensão entre os dois pólos do contínuo P-E, no qual se inserem. A compreensão dessa realidade implica entender a complexidade operante num contínuo de contato, em que estão imbricados contínuos variacionais que se interseccionam, ao longo de vários eixos ou dimensões, e que provêm da variabilidade inerente aos sistemas das duas línguas-mães que lhe deram origem.

Além disso, considere-se que o contato com o Espanhol opera, em muitos casos, como resistor às inovações do PB. Nesse enfoque, as línguas pólos do contínuo de contato podem ser vistas em tensão permanente.

Contudo, no caso da lateral posvocálica, parece que a mudança pode ser retardada mas não evitada. É o que mostram os dados referentes ao ingresso das formas mais avançadas da regra telescópica na região dos Campos Neutrais, as quais são fortemente impulsionada pelo espírito inovador dos jovens, conforme tradicionalmente tem ratificado a Sociolingüística, e são particularmente prestigiadas na comunidade vitoriense.

O atual predomínio da forma alveolar no Chuí era previsível, em consonância com estudos anteriores sobre o tema, nessa comunidade. No dialeto vitoriense, esperava-se uma posição mais favorável ao PB do que a chuiense, como, de fato, foi verificado.

Porém, a implementação e a difusão da mudança atingem, em Santa Vitória do Palmar, neste recorte sincrônico, índices bem mais expressivos do que os esperados. Deve-se considerar, no dialeto vitoriense, não apenas o predomínio de [l<sup>w</sup>], representativo, por si só, do adiantamento da regra telescópica, mas também o fato de que, em vista da perspectiva derivacional da regra, conforme (3) e (4), todo o terreno lingüístico atualmente dominado por [l<sup>w</sup>] tende a mudar para [w], à medida que [coronal] vai sendo desligado e a vocalização opera.

Neste estudo, trabalhamos com uma análise de método variacionista, porém preocupamo-nos, ainda, com a perspectiva compa-

rativa, procurando, mediante o contraste entre dois dialetos contíguos do contínuo PB, conhecer melhor o eixo diatópico.

A oposição entre dois princípios clássicos da teoria lingüística, já formulados pelos neogramáticos para as leis fonéticas e utilizados como fundamentos das teorias modernas, foi, neste trabalho, invocada: a simplicidade *versus* a contrastividade. Tal recurso permitiu explicar a tensão entre tendências estruturais antagônicas, no decurso derivacional da regra telescópica, seja na sua visão de conjunto, seja na análise individual de cada processo. Entretanto, vimos que a mudança é regida por fatores sociais, isto é, extralingüísticos, a estes subordinando-se os fatores estruturais ou lingüísticos.

### Referências bibliográficas

- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. (Tese de doutorado)
- BOROWSKY, T.; HORVATH, B. L-vocalization in Australian English. In: HINSKENS, F.; HOUT, R. V.; WETZELS, L. *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 101-23.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. *Consonantal weakening process(es) in Brazilian Portuguese*. [s.d.] 1999.
- CLEMENTS, G. e HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- COUTINHO, I.L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- ELIZAINCÍN, A. *Dialectos en contacto. Español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca, 1992.
- ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro. Dialectos portugueses en el Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- ESPIGA, J. W. R. *Influência do espanhol na variação da lateral posvocálica do português da fronteira*. Pelotas: UCPel, 1997. (Dissertação de mestrado)
- . *O Português dos Campos Neutrais. Um estudo sociolingüístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. (Tese de doutorado)
- HENSEY, F. G. *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague: Mouton, 1972.
- HYMAN, L. M. *Phonology: theory and analysis*. New York: Harcourt Brace & Jovanovich, 1975.
- LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford - Malden, Blackwell, 1996.

LOPEZ, B. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. Los Angeles: UCLA, 1979. (Tese de pós-doutorado)

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Orígenes del español*. Madrid: Espasa-Calpe, 1918.

MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. (Dissertação de mestrado)

NIEDERMANN, M. *Précis de phonétique historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1953.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1951.

QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de mestrado)

RONA, J. P. *El "dialecto" fronterizo del norte del Uruguay*. Montevideo: Facultad de Humanidades, 1965.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

SPROAT, R.; FUJIMURA, O. Allophonic variation in English /l/ and its implications for phonetic implementation. In: *Journal of Phonetics*, n. 21, p. 291-311, 1993.

TASCA, M. *A lateral em coda silábica no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. (Tese de doutorado)

TARALLO, F. A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte Real. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 2, 1990, p. 195-222.

WEINRECH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1963.

WEINRECH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas, 1968.